



casadesarmento

centro de estudos do património

Núcleo de Documentação Abade de Tagilde | Casa de Sarmento | © Sociedade Martins Sarmento

Casa de Sarmento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4810-241 Guimarães
E-mail: casa.sarmento@csarmento.uminho.pt
URL: www.csarmento.uminho.pt

ALOCUÇÃO DO PRESIDENTE DA SOC. M. S., SR. CAPT.
MÁRIO CARDOZO, NO ACTO DA INAUGURAÇÃO DO
MONUMENTO A MARTINS SARMENTO

Meus Senhores :

Vimos aqui praticar hoje uma cerimónia ritual e milenária. Desde a mais remota antiguidade que o homem considera a pedra um elemento sagrado. A primeira vez que as scintillas do fogo iluminaram o olhar, curioso e aterrado, do homem primitivo, deu-as o céu e deu-as a pedra. De pedra foram os primeiros instrumentos que o defenderam na sua luta desigual e titânica contra os elementos hostis que o abraçavam. De pedra foram os primeiros altares erigidos à concepção sobrenatural de Deus, que se revelou ao seu espírito obscuro e rude. E foi gravando no rochedo êsses enigmáticos sinais multicentenários, tão frequentes pelos nossos montes, que o antepassado pre-histórico tentou o primeiro esforço para o prolongamento da sua individualidade espiritual na memória dos vindouros, e para além da morte. Esses primeiros traços simbólicos por meio dos quais o habitante das cavernas quis materializar, definir e perpetuar o seu pensamento, foram tallados na rocha viva, porque só ela lhe oferecia a resistência e a durabilidade relativa contra a acção devastadora e irreparável do tempo, que tudo faz voltar ao pó. Muitos séculos volvidos na história da humanidade, outros materiais, como o cobre, o bronze e o ferro, que o homem ia dominando e conquistando à natureza pelo admirável esforço da sua inteligência, vieram em seu auxílio, mas nunca substituindo absolutamente o primeiro e imprescindível elemento de que lançou mão — a pedra.

Repetimos portanto hoje aqui, como disse, uma cerimónia ritual e milenária — a aliança da pedra e do bronze para perpetuarmos na memória dos homens e para além de nós o respeito e a lembrança grata das gerações por alguém que superiormente se distinguia dos seus contemporâneos, pela claridade de espírito, pelas excepcionais aptidões de trabalho, pelo abnegado sentido do altruísmo, pelas conquistas, pelas vitórias e pelo bem comum que soube e quis realizar, a favor da sua terra, da sua Pátria, dos

homens da sua língua, das suas crenças, da sua raça, e, de um modo geral, a favor da civilização humana.

Desde o tempo mais distante até os nossos dias, é uso frequente o de transmitir à memória dos pósteros, nos mais humildes lugares e nas mais opulentas e faustosas *urbes*, a recordação viva, expressiva, perene, eternizada, dos deuses, dos heróis e até dos mais ignorados entes, mas intimamente queridos de cada um. E todos estes monumentos votivos, símbolos de gratidão e de amor, têm o seu lugar adequado e próprio : para os deuses — os altares rutilantes ; para os heróis e para os triunfadores — o sol glorioso do *forum*, da praça pública ; para os entes desconhecidos das multidões, mas acalentados na lembrança de qualquer alma que sente e sofre — a tranquillidade saudável e recolhida das necrópoles. E todos estes monumentos têm, indistintamente, um sentido religioso, e são formas comunicativas e expressivas de um culto sagrado — culto de deuses, de santos e de heróis, e culto de mortos. Sagrado será para nós também o monumento que hoje aqui erigimos, nesta praça, em honra de Martins Sarmiento, nosso herói espiritual.

Fica bem, neste jardinzinho recatado, tranqüilo e modesto, onde já não chegam os mil ruídos impertinentes da vida laboriosa que se agita, e da luta que diariamente se trava e converge aos centros citadinos ; está no seu ambiente próprio o busto do etnólogo Martins Sarmiento, do «exumador glorioso de remotas antiguidades pátrias». Aqui, junto à casa onde êle trabalhou, viveu e morreu, fica no lugar preferido a sua brônzea imagem. Porque o seu espírito de investigador, absorvido em lucubrações, buscava também os lugares serenos e propícios à meditação, como o seu carácter equilibrado e modesto evitava sempre a exibição tumultuosa e enganadora.

O artista-escultor António de Azevedo, professor de mérito a quem dirijo saudações calorosas, concebeu, estudou e projectou com felicidade rara êste Monumento de linhas sóbrias e modernas, imprimindo-lhe beleza e carácter. Com a habilidosa aplicação de *motivos* simbólicos e entrelaços de puro estilo castrejo, bem frequentes na arte decorativa peninsular dos nossos distantes antepassados, evocou temas ornamentais que tanto prenderam a atenção e foram objecto de prolongado estudo para o Sábio vimaranense cuja memória celebramos.

A Câmara Municipal de Guimarães veio inteligentemente ao encontro da iniciativa da Sociedade Martins Sarmiento, para a realização dêste Monumento e para a efectivação desta Homenagem devida e justa. Sem o seu auxílio pouco seria possível fazer. E com o subsídio dado para o monumento que, embora modesto,

ficará honrando a cidade de Guimarães, integrou todos os municípios na cooperação da homenagem prestada ao nosso glorioso Conterrâneo. Na vida social, para haver verdadeiro progresso, é necessário que os homens e as instituições se auxiliem e colaborem fraternamente, em vez de se degladiarem com ódio.

Este Monumento simboliza pois a consagração de um Viimaranense ilustre por todos os vimaranenses. E assim, na Sociedade Martins Sarmento, como Instituição, está condensada e conglobada, nos seus Museus, colecções, bibliotecas, propriedades e valores de toda a ordem — a própria obra, vivida e imperecível, que o erudito nos legou; neste Monumento ficará perpétuamente simbolizada a consagração pública dessa mesma obra. Era uma dívida em aberto, que hoje pagamos; outras falta pagar ainda.

A V. Ex.^a, Senhor Representante do Ex.^{mo} Presidente da República e a todas as demais entidades representativas que se dignaram assistir a este acto do mais elevado significado moral, agradeço, em nome da Sociedade Martins Sarmento, a sua compareência.

A's crianças das escolas que hoje aqui vieram trazer flores e receber em troca uma grande lição de civismo, a esta geração que há-de talvez assistir a um novo período florescente da história pátria, eu incito a que aprenda a amar e a respeitar os monumentos como este, que são páginas vivas da nossa grandeza moral.

Ao povo de Guimarães saúdo também pela elevada compreensão dos seus deveres correspondendo à nossa chamada para assistir a esta Homenagem festiva.

— Vimaranenses: zelai este Monumento, que à vossa própria honra fica entregue.